

Parte I - Educação de Jovens e Adultos em  
Roda de Conversas  
**Capítulo 2 - Percepções dos sujeitos sobre o  
processo de escolarização na alfabetização  
de jovens e adultos**

Jaqueline Luzia da Silva

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SILVA, J.L. Percepções dos sujeitos sobre o processo de escolarização na alfabetização de jovens e adultos. In: FERNANDES, A.P., and LOPES, P.C., eds. *O cotidiano escolar de crianças, jovens e adultos em rodas de conversas* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2020, pp. 51-68. ISBN: 978-65-87949-02-4. <https://doi.org/10.7476/9786587949024.0004>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## Capítulo 2

# Percepções dos sujeitos sobre o processo de escolarização na alfabetização de jovens e adultos

*Jaqueline Luzia da Silva*

### **Introdução**

Este trabalho tem origem em uma pesquisa sobre permanência e desempenho na Educação de Jovens e Adultos (EJA) realizada com alunos alfabetizando do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro (Silva, 2010). A pesquisa teve como objetivo compreender as características de escolas de EJA e sua capacidade de incidir positivamente, por meio do uso de seus recursos materiais e de suas políticas e práticas pedagógicas e de gestão, no processo de alfabetização e na redução dos índices de evasão dos alunos.

Aqui, faz-se um recorte da pesquisa trazendo para o debate a fala dos alunos, as narrativas sobre suas trajetórias escolares e sobre seu processo de aprendizagem. A importância desta etapa da pesquisa recai sobre a atenção dada aos alunos e alunas do PEJA, como sujeitos de conhecimento e aprendizagem (Oliveira, 1999), como sujeitos do processo de ensino, como sujeitos de direitos que são (Arroyo, 2006).

Para isso, foram ouvidos 43 alunos de seis turmas de alfabetização,<sup>1</sup> de três escolas com PEJA, por meio da técnica de pesquisa denominada grupo focal. As questões levantadas nas entrevistas com os seis grupos focais realizados foram planejadas a partir do roteiro de entrevista das professoras, coordenadores e diretores, para que se conhecesse a percepção dos alunos a respeito dos temas pesquisados junto a esses agentes, visando a complementar as outras técnicas utilizadas na pesquisa. O roteiro do grupo focal compreendeu aspectos tanto escolares quanto sociais de apropriação da leitura e da escrita e da relação com a aprendizagem, como a frequência à escola, as trajetórias escolares, as perspectivas pessoais, suas estratégias de permanência e as principais dificuldades enfrentadas.

A análise dos dados levantados na pesquisa baseia-se nos estudos de Marcia Alvarenga (2014), que ajudam a pensar sobre a linguagem dos jovens e adultos como fonte de pesquisa. Ela traz as bases teóricas de Mikhail Bakhtin, alicerçando as ideias que apontam a importância do diálogo com os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, bem como de suas experiências na relação com os outros e com a realidade em que vivem.

Quando se trabalha com a EJA, é imprescindível reconhecer os educandos como sujeitos da educação (Freire, 1982). Assim, buscou-se captar a prática educativa desses sujeitos a partir de sua fala e entendê-los em seu contexto, com suas expectativas e anseios com relação à escola e ao processo de alfabetização. Os resultados do estudo mostram como as percepções desses sujeitos podem auxiliar a prática pedagógica da Educação de Jovens e Adultos no sentido de melhorar o trabalho realizado e garantir a aprendizagem deles.

---

<sup>1</sup> Matriculados no PEJA I, que corresponde ao primeiro segmento do Ensino Fundamental.

## A pesquisa com grupos focais

Os alunos envolvidos na pesquisa responderam a um questionário socioeconômico e, posteriormente, foram entrevistados por intermédio da técnica do grupo focal. Foram realizados seis grupos focais – um com cada turma pesquisada –, cinco deles compostos por sete alunos e um formado por oito alunos, correspondendo a um total de 43 pesquisados.

O grupo focal é um bom instrumento de coleta de dados, pois permite a interação entre o grupo, e as trocas efetivadas podem ser estudadas pelo pesquisador em função de seus objetivos. Além disso, o interesse recai não só no que as pessoas pensam e expressam, mas também em como elas pensam e porque pensam o que pensam (Gatti, 2005).

As questões levantadas nas entrevistas com os grupos focais foram planejadas a partir do roteiro de entrevista das professoras, coordenadores e diretores, para que se conhecesse a percepção dos alunos a respeito dos temas pesquisados junto a esses agentes, visando a complementar as outras técnicas utilizadas na pesquisa. O roteiro do grupo focal da pesquisa compreende tanto aspectos escolares quanto sociais de apropriação da leitura e da escrita e da relação com a aprendizagem.

As entrevistas com grupos focais é uma técnica de coleta de dados cujo objetivo principal é estimular os participantes a discutir sobre um assunto de interesse comum, ela se apresenta como um debate aberto sobre um tema. Os participantes são escolhidos a partir de um determinado grupo cujas ideias e opiniões são do interesse da pesquisa (Boni e Quaresma, 2005, p. 73).

Aqui, optou-se por transcrever alguns trechos dos grupos focais, com o intuito de contextualizar a análise de dados, aproximando os relatos das interpretações traçadas pela pesquisa. Os tre-

chos apontam de uma maneira dinâmica as percepções dos sujeitos sobre o processo de escolarização na EJA.

### **Alfabetização e escola na Educação de Jovens e Adultos**

É interessante conhecer o que os sujeitos da EJA pensam sobre seu processo de escolarização. Muitas vezes, quem fala sobre isso são os professores e os gestores da escola, mas poucas vezes se ouvem os educandos. Além disso, quando estes são ouvidos, muitas vezes essa fala é apenas ilustrativa e pouco se adentra nas motivações, questionamentos e críticas trazidas por eles.

A pesquisa aqui apresentada vai ao encontro da fala dos alunos, no sentido da valorização do que sentem em relação à escola da EJA.

### **Perfil socioeconômico, cultural e escolar dos alunos**

O perfil dos alunos é muito semelhante nas três escolas pesquisadas. Boa parte desses alunos teve uma escolaridade anterior, enquanto outros nunca estudaram. As equipes das escolas afirmam que os que tiveram uma escolaridade anterior tiveram também uma história caracterizada pelo fracasso escolar e/ou pela evasão, que culminam sempre na baixa autoestima apresentada pelos alunos da EJA.

Os alunos do PEJA I são mais idosos nas três escolas. Boa parte dos adolescentes egressos do ensino regular encontram-se matriculados no PEJA II. Esses alunos idosos, segundo professoras e coordenadoras pedagógicas, têm mais dificuldades para aprender. Essas dificuldades decorrem não só da idade avançada, mas também das preocupações e das responsabilidades cotidianas, porque trabalham muito durante o dia e chegam cansados à escola.

A maioria dos alunos do PEJA I é composta por mulheres, pertence às classes populares; alguns são pais dos alunos que

estudam durante o dia nas escolas, possuem baixa renda e muitos dizem que procuraram o PEJA também para melhorar no que se refere ao trabalho, seja para conseguir um emprego melhor, seja para mudar de função no próprio emprego, ainda que o principal motivo seja aprender a ler e escrever. Alguns vêm para a escola para aprender a ler a Bíblia, porque são evangélicos. Há, inclusive, casos em que os alunos procuram a escola por recomendação médica, porque apresentam quadro de depressão e problemas neurológicos ou psicológicos.

As escolas têm procurado traçar o perfil dos alunos do PEJA. Esta é uma prática muito comum entre as escolas, incentivada nos cursos de formação continuada. E esse perfil é atualizado a cada dois ou três anos, para que as escolas conheçam os alunos com quem trabalham.

### **A aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos**

No PEJA I, os principais objetivos de aprendizagem são a leitura e a escrita. São esses objetivos que levam os alunos a se matricularem na escola, na maioria das vezes. Por isso, é necessário que as escolas pensem como esses alunos alcançarão uma aprendizagem significativa: o que eles precisam aprender, o que querem aprender e o que lhes é necessário para a vida, o trabalho, as relações e para que continuem aprendendo fora da escola.

A fala dos entrevistados revela a ênfase não só sobre os conteúdos curriculares considerados relevantes para a aprendizagem dos alunos do PEJA, mas também sobre o fato de a escola da EJA ser um local de formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel na sociedade. Assim, os conteúdos necessitam contemplar a realidade desses educandos, pois, caso isso não aconteça, poderá acarretar até o abandono escolar dos alunos. O relato do grupo

focal da Escola A<sup>2</sup> é muito interessante, pois mostra como os alunos estão se desenvolvendo a partir dos estudos:

A27 – Eu lia ‘porcamente’. Agora estou bem melhor! [...]

A24 – Eu já sabia ler, mas tinha dificuldade em alguma coisa, como acento, agora eu sei bastante.

A29 – Eu aprendi a lidar com os outros. Eu não sabia conversar direito. Hoje eu sou madame. A Aline ensina a gente a falar melhor, a viver melhor, a se amar.

A27 – Eu era muito ignorante. Tudo eu queria brigar. Depois que eu vim pra cá, eu fui maneirando. Eu era muito nervosinha.

A26 – Eu ajudo meus filhos nos trabalhos da escola, ensino, ajudo. Eu aprendi isso, porque eu não tinha paciência. Eu aprendi a conviver melhor com os meus filhos.

A25 – A professora ensinou a gente a ir no mercado, fazer as compras de casa. No trabalho, eu leio os cardápios, já sei o que vai ser hoje. Antes eu tinha dificuldade.

A24 – Eu aprendi aqui a ser paciente, porque eu não tinha paciência nenhuma.

É importante ouvir os relatos dos alunos, pois, para eles, a aprendizagem vai além da apreensão dos conteúdos escolares. Muito mais do que melhorar a leitura e a escrita, esses alunos alcançaram uma mudança de vida. Eles lidam com a realidade de outra maneira e atribuem a isso a contribuição da escola. Falar melhor, ter mais paciência, ajudar os filhos, aprimorar o trabalho não são conteúdos explicitados nas orientações curriculares, mas, para esses alunos, foi na escola que aprenderam tais atitudes.

Segundo Marta Kohl de Oliveira (1999), é necessário levar em consideração as culturas apresentadas pelos alunos da EJA e

---

<sup>2</sup> Os nomes das escolas e dos alunos foram substituídos por letras e letras e números, respectivamente, para que se preservasse o anonimato e a integridade moral dos participantes da pesquisa. As professoras receberam nomes fictícios.

reconhecê-los como sujeitos de conhecimento. O trecho da entrevista apresentado anteriormente mostra de forma clara o que Oliveira quer dizer com o reconhecimento de que os alunos são sujeitos de seu próprio conhecimento e de sua aprendizagem. Ainda que a escola trabalhe os conteúdos curriculares necessários, existem inúmeros outros conhecimentos aprendidos na escola que não estão explicitados nos currículos e que os jovens e adultos, enquanto sujeitos, vão construindo ao longo de suas trajetórias escolares.

Entre os conhecimentos que os alunos relatam que estão aprendendo – além da leitura e da escrita escolares –, estão a melhoria das condições para fazer transações bancárias; fazer compras; produzir listas; pegar ônibus lendo o letreiro; ler placas de rua; assinar o próprio nome; expressar-se melhor oralmente; ler a Bíblia; escrever e ler bilhetes; ler o jornal; ler livros; fazer palavras cruzadas; fazer cálculos; ler cardápios; ter mais paciência com os filhos; passar trocos; cuidar do lixo, da água e dos alimentos; conviver melhor com os outros e, inclusive, para a melhoria da memória. O relato de uma aluna da Escola B mostra a primeira palavra que leu com autonomia, na rua, após sua entrada na escola:

Quando eu comecei a estudar com a Dona Bia, eu não sabia. Ela disse que eu já sei ler. Eu conhecia as letras, mas não sabia ler. Eu passava na rua e lia uma placa, todo dia eu lia uma letra. Eu tinha que passar todo dia lá pra acabar de ler aquilo. Eu me invoquei, parei de frente com a casa de material de construção e li ‘Ah! É Cimento Mauá’, no meio da rua, eu sozinha, batendo palmas. Ah! Isso é muito bom! (Risos) Foi a primeira vez que eu li alguma coisa. Agora eu vou a pé pela Intendente<sup>3</sup> e fico lendo tudo na rua. Agora eu já leio ‘automóvel’ [...]

---

<sup>3</sup> Intendente Magalhães é uma rua situada num bairro próximo à escola, com muitas concessionárias de automóveis.



Essa aluna ainda deixa claro que se motivou a ler as coisas na rua a partir do momento em que a professora a estimulou a ler tudo o que via. É uma prática da professora pedir que os alunos procurem ler tudo o que há na rua, em casa, no trabalho. E foi o que a aluna do relato fez: passou a ler as coisas que achava importantes que fossem lidas.

Interessante também salientar, na fala da aluna, a frase “Ela disse que eu já sei ler”, pois mostra o papel da professora enquanto estimuladora da aprendizagem, que sabe do potencial da estudante, que acredita em seus conhecimentos construídos. Enquanto, por outro lado, a discente pouco acredita em si, dizendo “eu não sabia”. Nesse sentido, é preciso a legitimação do outro, do educador, sobre o seu saber.

Os alunos mostram-se muito entusiasmados com a escola, gostam do que estão aprendendo, das mudanças decorrentes de sua entrada na escola, dos amigos que fizeram, das professoras e de como fazem uso do que aprendem na escola em sua vida cotidiana. Além disso, dizem que muitas vezes se surpreendem com seu próprio avanço na escola, quando conseguem realizar sozinho as atividades propostas. A fala de uma aluna do Bloco 1<sup>4</sup> da Escola C, abaixo, confirma como os alunos veem sua aprendizagem:

Eu acho que eu estou lendo mais correto. Ainda não estou como gostaria. Mas eu lia muito mal. Sabia as letras, os nomes, mas na hora de falar parece que dava um branco. Hoje já leio mais correto. Se a professora pedir na frente dos outros, eu leio. Eu tinha medo de ler errado. Aí, o medo fazia eu ler errado. Hoje, mesmo que eu leia errado, mas eu estou tentando.

---

<sup>4</sup> O PEJA I é dividido em dois blocos (Blocos 1 e 2). O Bloco 1 corresponde à fase inicial da alfabetização.

## Trajetória escolar

Para compreender a trajetória escolar dos alunos, é interessante verificar a escolaridade anterior e as experiências escolares destes. Os alunos que não tiveram escolaridade anterior ao PEJA afirmam que não puderam estudar na infância porque tiveram que trabalhar desde muito cedo. Já os alunos com escolaridade anterior afirmam que, quando tiveram oportunidade de estudar, não havia recursos materiais suficientes para manter os estudos. Por outro lado, não havia muito interesse por parte destes nos estudos, pois não davam o valor que hoje dão à escola.

Os alunos da Escola A, bem como das outras escolas pesquisadas, falam da escola com muita satisfação e gratidão ao que ela representa na vida deles – dizem que se reencontraram no PEJA, que agora estão aprendendo realmente e que devem ao trabalho realizado no PEJA o aprendizado que estão adquirindo neste momento.

A maior parte dos alunos da Escola B tem escolaridade prévia ao PEJA. São alunos que estudaram quando crianças ou já na fase adulta. Esses alunos avaliam a escola de uma maneira muito positiva, comparando-a com as outras escolas pelas quais passaram. Dizem que agora estão aprendendo mais e melhor e que, muitas vezes, relembram o que já estudaram e fazem relações entre os conhecimentos que estão construindo.

Conversando com os alunos da Escola C, é possível perceber que alguns nunca estudaram, enquanto outros estudaram há muito tempo. Também alguns já entraram na escola com alguns conhecimentos relacionados à leitura e à escrita, e outros aprenderam a ler e a escrever nessa escola. Eles comparam a escola atual com a de antigamente. Dizem que os recursos de hoje (material, uniforme, *Riocard*) são muito melhores e ajudam na aprendizagem; falam sobre o respeito com que são tratados nessa escola e que hoje é mais

fácil estudar. O relato abaixo, de uma aluna da escola C, confirma essa informação:

Lá no passado a borracha tinha que ser o dedo. Hoje a gente tem material, tem caderno, tem lápis, tem caneta. Hoje a gente é tratado com mais respeito. Tem união dentro da sala. A gente faz amigos. No sábado e domingo ficamos esperando a segunda-feira chegar, pra gente ver nossos amigos, porque a escola trata bem a gente. Eu estou aqui até hoje e estão me tratando super bem. Não crio confusão com ninguém. A nossa sala é a melhor daqui da escola. A professora é uma bênção.

### **Perspectivas pessoais**

As perspectivas dos alunos em relação à sua própria aprendizagem e ao futuro também foram verificadas pela pesquisa. Boa parte delas estão no desejo de continuar estudando e trabalhando, já verificado no questionário socioeconômico respondido por eles. Nas entrevistas, os alunos deixam claro que, entre as principais perspectivas, está a mudança de profissão ou aquisição de uma melhor posição no trabalho; o desejo de adquirir competências para a vida social, como tirar carteira de habilitação; deixar de sentir vergonha, ocasionada pelo fato de não ser alfabetizado(a); cursar o Ensino Médio, fazer um curso superior e ler com mais fluência. O relato abaixo apresenta a perspectiva pessoal de um aluno da Escola C:

Pra mim, o estudo na minha vida é um sonho! Eu fiz o primário e queria ser professor de matemática. Aí veio o filho, o casamento, aquela coisa toda e o sonho foi por água abaixo. Mas o sonho continuava. Eu sempre lutava pra conseguir atingir esse objetivo. Só que não sobrava tempo pra estudar. Chegou o momento em que os filhos cresceram e chegou a minha vez de estudar. Chegou essa oportunidade e eu não quero parar. Eu quero avançar e chegar a ser professor de matemática. Mas não é fácil trabalhar e estudar, tem que

ter força de vontade. Às vezes, eu falto, porque trabalho longe, pego engarrafamento e nem sempre dá tempo de chegar. Mas sempre que eu posso, eu venho. Estou aqui com meus colegas e vou estudar aqui até quando Deus quiser.

Uma das maiores expectativas dos alunos entrevistados, em todas as escolas, é o desejo de serem aprovados para os blocos (“séries”) seguintes. Nas falas dos alunos, aparece sempre a preocupação demasiada com o fato de não conseguir aprender algo trabalhado pela professora em sala de aula, e isso ocasionar a reprovação e permanência no bloco. Alguns alunos afirmam que não irão ser aprovados e, ao mesmo tempo, justificam esse fato dizendo que não estão preparados e, por isso, querem continuar no bloco em que estão. Ser aprovado significa avançar na escola e na vida, caminhar para frente, evoluir. Ainda que não tenham essa certeza, os alunos orgulham-se de estar estudando e do que estão aprendendo. Sentem-se mais capazes e mais felizes por estarem estudando.

### **Estratégias de permanência na escola**

A pesquisa tentou também verificar o sentido da permanência na escola da EJA. Dessa maneira, foi investigado como as escolas evitam que os alunos se evadam e, ao mesmo tempo, que estratégias esses sujeitos criam para que não abandonem a escola, como eles enfrentam os momentos de desânimo e desejo de desistir.

A fala de uma aluna do Bloco 1 da Escola C exemplifica bem as dificuldades enfrentadas que podem ocasionar o abandono da escola e como, ainda que com empecilhos, a aluna reconhece a importância de continuar estudando:

A6 – Tem dia que eu acho que não vou aguentar. Hoje mesmo eu disse pra ela. Eu sou acompanhante e necessito de uma pessoa chegar pra eu sair. Eu tinha que ficar até depois da hora, esperando alguém

pra ficar com a pessoa. Eu já tenho muitas faltas e a professora disse que eu não posso mais faltar. Eu ia passar pra o outro bloco agora no meio do ano, mas por causa das faltas, não fui.

[...]

Comigo, ligaram pra minha casa perguntando por que eu estava faltando e eu tive que trazer uma justificativa das minhas faltas. Tem que trazer atestado médico. Eu fico preocupada com essas faltas. E eu tenho certeza que essas faltas vão me prejudicar. Eu tenho que trabalhar e estudar, mas creio que vou conseguir.

Essa fala mostra a estratégia da aluna para permanecer na escola e também como a escola age em relação aos alunos faltosos. A análise dialoga com os estudos sobre permanência escolar de Luís Fernando Mileto (2013), quando mostram que há fatores internos que contribuem para que os alunos fiquem na escola e não a abandonem, como as interações estabelecidas no interior da turma e as ações pedagógicas, por exemplo.

A2 – Eu estou feliz com os amigos que eu conquistei. E espero conseguir mais ainda.

A4 – Nossa turma é isso tudo que fala aí. Nós somos uma família. Eu entrei pra escola porque pra mim é uma terapia. Eu estava em depressão, mas a escola me ajudou demais porque aqui eu tenho uma família, meus amigos, a professora...

A1 – Eu gosto da escola, eu fico mal quando não tem. Eu gosto de estudar. Meu marido até diz ‘você acabou de chegar da escola, já vai estudar!’ Eu fico até duas horas da manhã estudando. Eu adoro a escola, adoro todo mundo.

A6 – A gente tem que respeitar os professores, os amigos, procurar ser mais humildes. A escola pra mim é maravilhosa. Conheço pessoas que não conhecia antes e tenho como amigos. Eu me apeguei a alguns colegas mesmo.

A7 – Eu estou feliz porque fiquei tantos anos sem estudar. Aí eu vou dormir pensando no colégio. Quando é 16h 40min eu já estou no ponto do ônibus pra vir pra escola. Fico doída pra vir pra escola. No começo eu chorava muito, mas agora o choro saiu da minha vida. Deus tirou o choro da minha vida. Eu nunca falto à aula, sempre estou aqui, a não ser que fique doente. Se não, eu não falto.

Esses relatos demonstram que há processos de construção de estratégias de suporte mútuo, favorecedores do sucesso escolar, caracterizadas pelas relações de amizade, cooperação e solidariedade (Mileto, 2013). Essas relações são fortalecidas na escola da EJA, traduzidas por um sentimento de pertencimento à comunidade escolar. Esse pertencimento contribui para que o desejo de abandono não exista ou seja superado.

Os estudos sobre permanência escolar também apontam na direção de que se considerem as estratégias construídas pelos sujeitos da EJA que contribuem para que fiquem na escola e não se evadam. Assim, faz mais sentido falar em permanência do que em evasão escolar, porque é necessário pôr o foco nos fatores positivos que levam os sujeitos a estarem na escola e a realizarem suas aprendizagens. Segundo alguns pesquisadores, há um “apodrecimento” do conceito de evasão como é comumente entendido, dando lugar ao conceito de permanência como uma “agenda bem mais rica”, de acordo com as palavras do professor Osmar Fávero, no texto de Carmo e Silva (2016).

### **Principais dificuldades enfrentadas**

As principais dificuldades encontradas na escola, tanto com relação à aprendizagem quanto com relação à vida cotidiana, foram trazidas pelos alunos nos grupos focais. Os alunos apresentam como principais dificuldades a idade – sempre relacionando-as aos problemas de aprendizagem –, o cansaço, a falta de tempo para estudar

em casa, a dependência de outras pessoas para ler correspondências e documentos pessoais e o preconceito social sofrido por estarem estudando em uma idade avançada.

Nos relatos, aparecem: a dificuldade em escrever, para a maioria dos alunos; em realizar as atividades de matemática: contas de divisão, problemas e cálculos; a vergonha de usar o uniforme escolar;<sup>5</sup> a distância entre a escola e seu local de trabalho ou sua casa; a vergonha de não compreender o que as pessoas com mais estudo falam; problemas de memória; não ter com quem deixar os filhos pequenos; não ter o apoio da família para retornar aos estudos; o cansaço físico à noite; a longa carga horária de trabalho; a vergonha em pedir para que outras pessoas leiam correspondências e documentos; serem enganados nas compras e em trocos de dinheiro; e quantidade de responsabilidades diárias. O relato da aluna, descrito abaixo, mostra claramente as dificuldades enfrentadas por ela:

Gosto de estudar. Eu quero mais é aprender porque sem estudo não somos nada. Quando a gente vai comprar alguma coisa, a pessoa até enrola em algumas coisas. Eu chego em casa e o troco está errado, a gente pensa que está certo e não está. Ah! A pessoa sem saber ler é cego. Agora já estou sabendo um pouquinho. Eu vendo cafezinho e passava sempre o troco errado. Agora já passo o troco certo.

As principais dificuldades estão relacionadas aos problemas de aprendizagem escolar. O diálogo abaixo ilustra bem os problemas enfrentados pelos alunos da Escola C:

A20 – Eu tenho a mente fechada, mas Cássia explica muito bem! Ela tem muita paciência.

---

<sup>5</sup> Os alunos do PEJA utilizam o mesmo uniforme usado pelos alunos do Ensino Regular. A maioria dos alunos reclama porque se sente envergonhada de ter que entrar no ônibus e na escola com o uniforme. Muitos motoristas não param nos pontos para os adultos uniformizados.

A19 – Quando eu passei de ano, eu achei que não deveria ter passado de ano, mas eu passei. [...]

A20 – A minha cabeça é que não dá, eu tenho muitos problemas e nunca estudei na minha vida. Minha família era toda analfabeta. Eu sou uma pessoa muito calma, sou carente e às vezes eu choro. Mas pelo menos eu estou aprendendo alguma coisa. Às vezes gaguejo, às vezes confundo letras. Mas está tudo bem, graças a Deus. [...]

A19 – O PEJA eu acho legal. É só uma pena que tem tão poucas escolas. Perto da minha casa não tem. [...]

A19 – Eu estou lendo direitinho, de ‘correntinha’... Mas depois eu não sei de nada... Deve ser por causa da idade.

A22 – Quando a gente está de uniforme e vai pegar o ônibus, o motorista humilha muito as pessoas. [...]

A19 – Uma vez o cobrador me perguntou se eu estava indo pra escola mesmo. [...]

A22 – Porque, às vezes, a professora Cássia passa um ditado pra gente. Aí a gente escreve, mas sempre falta alguma letra. Eu não vou conseguir passar desse jeito! Faltando uma letra, e quando eu chegar do outro lado?<sup>6</sup> Eu me acho uma incompetente! Às vezes, eu troco as letras. Se der pra esperar mais um pouco, pra passar mais forte, vamos ver... Cássia diz que só vai passar de ano quem está preparado e eu acho que ela está certa, né?

Esse trecho do grupo focal mostra as diversas dificuldades enfrentadas pelos alunos da EJA e como esses se culpabilizam por terem dificuldade em aprender. Nessas falas, pode-se notar claramente que os alunos apontam para si mesmos os obstáculos na trajetória escolar. Esses depoimentos podem auxiliar os educadores a elaborarem estratégias pedagógicas para que os alunos consigam superar tais impasses, os preconceitos e a baixa autoestima, bem

<sup>6</sup> Na Escola C, as salas de aula do PEJA II ficam do lado oposto das salas do PEJA I. Por isso, os alunos mudam “de lado” quando mudam de segmento. Nesse caso, a mudança é também espacial.



como também alcancarem a aprendizagem que tanto almejam e que lhes fizeram buscar a escola da Educação de Jovens e Adultos.

### **Percepções dos sujeitos sobre o processo de escolarização: contribuições da pesquisa**

A análise das falas dos alunos do PEJA nos remete aos estudos de Miguel Arroyo (2006), segundo o qual entre os elementos necessários para se configurar a especificidade da Educação de Jovens e Adultos estão: assumir uma visão realista dos jovens e adultos, dialogar com seus saberes, perceber as especificidades de suas trajetórias; recuperar o foco na educação e não no ensino somente; travar um diálogo entre o conhecimento escolar e os saberes populares, bem como também fazer uma interpretação política das trajetórias escolares.

A pesquisa buscou valorizar esses elementos trazidos por Arroyo, principalmente quando se propôs a ouvir os alunos e alunas e a compreender seu processo de aprendizagem e suas percepções sobre a escolarização. Seria mais simples ouvir somente os gestores e professores. Contudo, ouvir os próprios sujeitos garantiu a qualidade necessária à pesquisa, pois esses alunos, em seu contexto, trazem em suas falas as impressões que carregam sobre a escola e a alfabetização. Muitas vezes, durante a realização do grupo focal, esses sujeitos foram desafiados a questionar a prática pedagógica na qual estavam envolvidos diretamente e se colocaram, por meio de sua linguagem, mostrando seus limites e anseios com relação à escola e aos seus saberes.

As estratégias de permanência passam pela resistência dos alunos aos fatores que provocam a desmotivação e a desistência. É possível verificar que tanto as escolas quanto os estudantes criam estratégias para que não haja evasão. É preciso considerar todas as dificuldades trazidas pelos educandos da EJA, pois assim será possível enfrentar de maneira mais eficaz esses desafios.

Os resultados da pesquisa apontam para a importância da compreensão da linguagem dos sujeitos da EJA que, de acordo com Paulo Freire (1982), prende-se dinamicamente à realidade destes. Assim, quando a fala desses sujeitos é investigada atentamente, sua realidade vem à tona, denotando suas percepções sobre o processo de escolarização em que estão envolvidos.

Dessa maneira, é impossível negar que a aprendizagem passa pela linguagem e pela experiência desses sujeitos (Alvarenga, 2014). A fala trazida pelos alunos e alunas da EJA favorece a compreensão de sua relação com a escola por demonstrar suas trajetórias de vida, suas experiências e sua leitura de mundo. Por isso, a compreensão dessas falas pode indicar aos educadores pistas e caminhos para um trabalho pedagógico que garanta aprendizagens significativas e proporcione um diálogo ativo com os sujeitos dessa educação.

## Referências

- ALVARENGA, M. S. de. “Linguagens e Experiência em Educação de Jovens e Adultos”. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, v. 22, n. 59, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.v22n59.2014>. Acesso em: 14 ago 2017.
- ARROYO, M. “Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública”. In: SOARES, L. J. G. et al. (Org.). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- BONI, V. e QUARESMA, S. J. “Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais”. *Em Tese. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Santa Catarina, v. 2, n. 1 (3), pp. 68-80, jan.-jul. 2005.
- CARMO, G. T. do e SILVA, C. B. da. “Da evasão/fracasso escolar como objeto ‘sociomediático’ à permanência como objeto de pesquisa: o anúncio de uma construção coletiva”. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Sentidos da permanência na educação: o anúncio de uma construção coletiva*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2016.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1982.
- GATTI, B. A. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro, 2005.

MILETO, L. F. M. “Estratégias e trajetórias de permanência na Educação de Jovens e Adultos”. In COSTA, R. P. e RIBEIRO, A. de A. *O saber da gente...: sobre “uma educação pro povo”*. Rio de Janeiro: Caetés, 2013.

OLIVEIRA, M. K. de. “Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem”. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 12, 1999.

SILVA, J. L. da. *Permanência e desempenho na EJA: um estudo sobre eficácia escolar no Programa de Educação de Jovens e Adultos do município do Rio de Janeiro* (tese). PUC-Rio, 2010.